

# CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 253/2013

## O FUTURO ALVISSAREIRO DOS BRICS

A última reunião dos Chefes de Estado dos BRICS, em Durban, acrescentou novas e auspiciosas dimensões a este conglomerado de países emergentes, com a criação do Banco de Desenvolvimento do bloco (viva!) e do importante acordo sobre reservas cambiais. O entendimento entre esses cinco grandes países constitui a face nova e progressista do mundo de hoje. Nova face destinada a mudar o cenário internacional, não só pela importância econômica do conjunto mas, sobretudo, pelo significado político renovador que trazem à História neste início de milênio:

A China, pelo seu tamanho impactante e pelas características relevantes e absolutamente singulares que apresenta sob a perspectiva política, com um modelo socialista que aceita nichos capitalistas e põe em marcha acelerada uma economia mista eficazmente planejada. A Rússia, pela experiência histórica do primeiro governo socialista (URSS) e também pelos recursos de suas gigantescas dimensões territoriais e energéticas. A Índia pela sua forte tradição filosófica pacifista, pela sua imensa massa demográfica e pela força da sua consolidada democracia. A África do Sul pela sua brilhante história recente e pela expressão maior que tem no continente africano. E o Brasil, bem, o Brasil por um conjunto de fatores que acabam fazendo dele a expressão maior de liderança renovadora do grupo dentro do mundo: porque, além das grandes dimensões nacionais, pratica uma democracia avançada e convincente, capaz de eleger e reeleger Presidente um torneio mecânico que realiza um governo aprovadíssimo; porque é indubitavelmente reconhecido como nação líder do continente sulamericano que vem apresentando as experiências políticas mais progressistas do mundo de hoje; porque põe em prática políticas eficazes de redução das desigualdades internas e induz a essa prática os outros países do Continente; porque não tem o regime de força da China nem o autoritarismo político da Rússia, que os ideais ocidentais não aceitam; não tem as tensões religiosas internas e externas, de vizinhança, da Índia, e está cultural e economicamente à frente da África do Sul. E, mais, o Brasil tem a força moral da sua tradição de defesa da paz e das soluções políticas negociadas; o Brasil é o país que abre as assembléias da ONU e tem lá dentro o respeito geral, pelas suas posições coerentes desde a fundação dessa Organização; o Brasil tem as características de uma potência da paz, como queria Affonso Arinos.

Obviamente, as mudanças do mundo se fazem sempre num tempo mais longo do que aquele que uma geração pode testemunhar. A liderança norteamericana prosseguirá incontestada por muito tempo, em razão do grau de poderio bélico que atingiu e da formidável capacidade tecnológica que construiu nas suas universidades e centros de pesquisa. Os Estados Unidos, ademais, acenam hoje com uma promissora dimensão renovadora após a reeleição do Presidente Obama.

A Europa Ocidental seguirá sendo uma referência de maturidade e sabedoria, além de um encanto para a admiração do mundo, pela sua cultura, pela sua beleza e pela sua História. Há também sinais auspiciosos no velho continente: o espantoso exemplo da Islândia, a força ética dos nórdicos, as agitações dos países mediterrâneos e a eleição de François Hollande. Roberto Amaral, todavia, caricaturou muito bem ao dizer que a Europa será sempre um destino turístico admirável.

O futuro, entretanto, está cada vez mais claramente com os BRICS.

---

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br  
www.saturninobraga.com.br

# CORREIO SATURNINO

---

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 253/2013

Em política, a expressão “futuro” não se refere tão-somente ao tempo, mas tem uma conotação de novidade evolutiva no sentido positivo da evolução histórica. O futuro que os BRICS protagonizam traz uma promessa de aperfeiçoamento político-social da sociedade humana como um todo. Assim, é importante salientar que este futuro mostra uma nova liderança mundial que nasce do entendimento político soberano de cinco nações que recusam a submissão a um modelo econômico-social envelhecido e a uma dominação fundada na força econômico-militar e não na negociação e no entendimento. Forja-se agora uma aliança entre nações soberanas igualmente consideradas e respeitadas entre si, apontando para uma ordenação planetária fundada na negociação e não mais na força. O significado disso é a esperança bem estruturada de uma paz mundial estável.

Ademais, é forçoso reconhecer na constituição deste novo grupo uma componente voltada para o socialismo, na medida em que a China pratica e a Rússia conheceu a experiência socialista com erros e acertos, e Brasil e Índia tiveram êxitos importantes na adoção de modelos de economia mista com forte presença do Estado no planejamento e na ação.

E, ante o fiasco do neoliberalismo, será que, como se dizia há cinquenta anos, o futuro do mundo não está no socialismo? Acho que o Brasil tem algo importante a dizer dentro deste tema, inspirado pela luz de João Mangabeira ainda bem viva.

---

Roberto Saturnino Braga

Contatos: [saturnino.braga@uol.com.br](mailto:saturnino.braga@uol.com.br)  
[www.saturninobraga.com.br](http://www.saturninobraga.com.br)